

Sobre *Meshugá*, de Jacques Fux

On *Meshuga*, by Jacques Fux

FLÁVIO ANTONIO GOMES DE AZEVEDO

Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em Integração Regional – Prolam/USP.

Resenha de: FUX, Jacques. Meshugá: um romance sobre a loucura. São Paulo: José Olympio, 2016.

Um dos assuntos que mais divertem, e preocupam, os judeus e não judeus em todo o mundo é, sem sombra de dúvida, a loucura do louco – o *meshugá* que dá título a esse novo romance de Jacques Fux. A maluquice judaica essencial, além de envolver alguns temas clássicos (neurose, hipocondria, mães invasivas e superprotetoras, etc.), também fornece matéria para a ironia autodepreciativa que é a base do humor desse povo.

Valendo-se da ficção com mão firme, Fux apresenta um rol de personagens tão geniais quanto desnorteados, histórias que se conformam como pequenas novelas e que são pérolas da insanidade e do ridículo. Woody Allen, Sigmund Freud, Bobby Fischer, e outros desfilam aqui suas incongruências, extravagâncias, delírios e atos extremos, formando um mosaico que pretende compreender por um lado o auto-ódio e, por outro, a batelada de teorias e lendas nem sempre elogiosas que cercam o povo judeu e que desembocaram todos sabemos onde. Nesse verdadeiro ensaio sobre a loucura, o autor constrói, camada a camada, um clima de tensão que vai se adensando, um desconcerto que inquieta e que seduz – a história de Danny Burros, por exemplo, é um thriller da melhor extração. No capítulo final, o leitor percebe, não sem horror e angústia, que cada uma dessas pretensas biografias é apenas uma volta a mais num parafuso que se está a apertar desde o início.

Exercício de evisceração da alma, Jacques Fux oferece um resumo sincero, elegante e potente da doídice ancestral, aquela que fundou e que continua alimentando não só a loucura de toda a humanidade, mas também, e felizmente, o humor que alivia e a arte que redime.

Cintia Moscovich (orelha do livro)

VENCEDOR DO PRÊMIO SÃO PAULO DE LITERATURA EM 2013, COM *ANTITERAPIAS*, autor dos livros *Literatura e Matemática: Jorge Luis Borges, Georges Perec e o OULIPO* (Perspectiva, 2016, finalista do APCA) e *Brochadas: confissões sexuais de um jovem escritor* (Rocco, 2015), o acadêmico e escritor Jacques Fux decide finalmente encarar a sua própria loucura – ou melhor, a loucura de todos os seus personagens – e publica o romance híbrido *Meshugá: um romance sobre a loucura*. Sua questão, em suas próprias palavras, é enxergar e encarar a insanidade:

A questão da loucura, de uma forma geral, é muito interessante e desafiadora. Caminha no limiar da dor, do sofrimento, do ridículo e do risível. De longe, bem de longe, parece algo controlável, algo passível de entendimento e compreensão. Mas quando você mergulha fundo, você se espanta e, por vezes, se apavora. No meu livro, submergi em busca das raízes e histórias do “judeu louco no jardim das espécies” – uma releitura de um capítulo do livro

História da Loucura, de Foucault. Quis investigar de onde viria essa palavra – *meshugá* ou *mishig-ne* (em ídiche) – que ouço e leio desde muito criança. Seria a nossa loucura mais especial e mais excêntrica do que as outras? Quais seus mitos e falácias? Como resolver o problema autorreferencial (lembrando da Alice no País das Maravilhas, ou do Alienista) de quem é/está realmente doido? O que descobri, ou inventei, é que vivemos bem na fronteira da insanidade, da ficção e da realidade. (SAWITZKI, 2016)

Diferentemente da peça de Pirandello, nenhum desses oito personagens de *Meshugá*, que se encontram espetacularmente no último capítulo do livro, anseia contar seus dramas e traumas; no entanto, tal como no autor italiano, as personagens aqui apresentadas afligem o escritor, ocupando seu tempo, sua imaginação e seu processo de criação com os mitos e as crenças atribuídas ao louco judeu.

Arguto e debochado como sempre, Fux com destreza reinventa a vida e a obra dessas personagens, melhor dizendo, de oito ‘célebres’ judeus. Ao apropriar-se da insanidade alheia mergulhando na mente de seus personagens, Fux consegue brincar com a arte de escrever, pendulando ora na realidade, ora na ficção. E, assim, tal como Pirandello, Fux faz com que a fantasia trabalhe a seu favor, articulando dados históricos e teorias científicas a respeito da loucura numa escrita fluida, descomprometida e divertida, como bem observou Arnaldo Bloch:

Nesse trem de loucos reunidos em “*Meshugá – Um romance sobre a loucura*” (Editora José Olympio) viajam figuras como Woody Allen com os motivos mais íntimos de sua escandalosa vida familiar; Bobby Fischer, o gênio americano do xadrez, com a gênese ancestral de sua paranoia furiosa; as torturas psicológicas sofridas por Ron

Jeremy, o judeu baixinho, barrigudo e narigudo que revolucionou a indústria pornô com seu falo gigantesco e infalível, e o paradoxo de sua solidão; a pensadora Sarah Kofman com a memória de suas duas mães; entre outros judeus e judias que viveram num limbo que, embora pareça consagrado a um só povo, é o limbo em que vive todo ser em sua busca de pertencimento. Estudioso de matemática, esportes e literatura, meio discípulo do Portnoy de Philip Roth (um de seus livros se chama “*Brochadas: confissões sexuais de um jovem escritor*”) e viajante compulsivo, Fux mostra um pouco de seu rebuliço intelectual nesta entrevista, em que especula sobre o caráter da loucura contemporânea: um mundo em que o outro é cada vez mais o louco que o eu tem em si, e teme encarar. Isso na era em que se deveria estar celebrando o triunfo da razão. (BLOCH, 2016)

Por um lado, perscrutar pela insanidade alheia requer extremos de dor, desconfiança, autoconfiança, persistência, segurança, sabedoria, alegria, sofrimento, prazer, depravação etc. Por outro, requer gênio, liberdade e cometimento pela ciência, pela cultura, pela pesquisa, pelos costumes, pelo conhecimento e pelas tradições do *meshugá*.

“No começo, eu pensava que seria divertido escrever um livro sobre a loucura”, diz Fux. “Mas, ao entrar na cabeça desses loucos, o narrador também enlouquece e começa a sofrer junto com eles.” À medida que o narrador de *Meshugá* se aproxima de seus personagens, e especula as razões de suas maluquices, ocorre algo parecido com a misteriosa doutrina católica da transubstanciação, que prega a real presença do corpo e do sangue de Cristo na hóstia. O narrador se faz um com seus personagens – o mesmo corpo, o mesmo sangue, as mesmas angústias. E o leitor

corre o risco de ser tragado por essa insanidade, compondo uma estranhíssima trindade, que o une àqueles que, como os loucos de antigamente, eram mantidos sempre bem longe, num dolorido exílio da própria humanidade. (GABRIEL, 2016)

Oscilando entre a realidade e a ficção, a construção do livro e a sua narrativa fantasiosa (criada pelo autor no intuito de desvendar e/ou compreender desvios, características e temperamentos atribuídos aos *meshugot*) são apresentadas em dois movimentos de escrita: exíguas apresentações, que antecedem as histórias (“excursos” sobre a apropriação da herança), e as fantasiosas histórias sobre a loucura de cada personagem.

Outrossim, apesar de toda pesquisa teórica e biográfica, tudo em *Meshugá* é falsidade com pretensão de verdade. Fux engana com maestria e faz literatura de qualidade, quiçá resquícios de sua formação acadêmica. Apropriações, citações e digressões tornam sua escrita interessante, inteligente e desafiadora.

À medida que o narrador foi escrevendo e criando, passou a reviver subitamente seus medos, incertezas e inseguranças. Passou a rememorar os mais íntimos momentos. Passou misteriosamente a se consubstanciar com seus atores de forma doentia. Ele foi, então, aos poucos, adormecendo a própria razão e criando malditos monstros. Os pesadelos começaram a não ser somente os dele, mas também os de todos. E os tormentos, as biografias e os martírios dos outros passaram a ser inteiramente os dele. Ele se tornou seus fantasiosos personagens. E enlouqueceu junto com eles. (FUX, 2016, p. 08)

verdade. Porém, esse autor procura, escrutina, reinventa e recria seus personagens, transformando-os em si próprio. São histórias estanques e que agradam pela independência dos célebres judeus revestidos pela fantasia, conhecimento e inventividade do autor, em conformidade ao drama pessoal do narrador nas agruras do *métier* da escrita no capítulo que fecha o livro. Um livro marcante, que não deve somente ser lido, mas vivenciado.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Arnaldo. “Escritor mineiro entra na cabeça de loucos históricos”. *O GLOBO*, 20/11/2016. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/escritor-mineiro-entra-na-cabeca-de-loucos-historicos-20491507>. Acesso em 21/02/2017.
- FUX, Jacques. *Meshugá: um romance sobre a loucura*. São Paulo: José Olympio, 2016.
- GABRIEL, Ruan. “Escritor mineiro Jacques Fux investiga “loucura judaica” em seu novo livro”. *Revista Época*, 23/11/2016. Disponível em: <http://epoca.globo.com/cultura/noticia/2016/11/o-escritor-mineiro-jacques-fux-investiga-loucura-judaica-em-novo-livro.html>. Acesso em 21/02/2017.
- SAWITZKI, Manoela. “Meshugá”, de Jacques Fux. *BLOG da RECORD*, 7/11/2016. Disponível em: <http://www.blogdaeditorarecord.com.br/2016/11/07/meshuga-de-jacques-fux/>. Acesso em 21/02/2017.

Nenhum dos oito personagens de *Meshugá* está à procura de um autor, tampouco desejam a

Recebido em 23/02/2017

Aceito em 08/03/2017